

Dietmar Osthus

Grundlagen der Normendiskussion im 18. Jh.: die grammatikographische und die lexikographische Tradition

- I. Grammatikschreibung der Renaissance
- II. Portugiesisch und Kastilisch im Konflikt zur Zeit der philippinischen Doppelherrschaft
- III. USUS und AUCTORITAS in der Sprachbewertung
- IV. Raphael Bluteau als Repräsentant der Frühaufklärung

Zitate

- (1) GRAMÁTICA é vocábulo grego: quer dizer ciência de lêteras. E, segundo a difiniçám que lhe os Gramáticos déram, é um módo çerto e justo de falár e escrever, colheito do uso e autoridade dos barões doutos. Nós podemos-lhe chamár artefício de palávras póstas em seus naturáes lugáres, pera que, mediante élas, assi na fála como na escritura, venhamos em conheçimento das tenções alheas. Porque bem assi entram as lêteras pela vista como as palávras pelos ouvidos – instrumento com que o nósso intendimento reçebe as máis das cousas. E como pera o jogo de enxedrez se requerem dous reies, um de uma cor e outro de outra, e que cada um deles tenha suas peças póstas em cásas próprias e ordenádas, com leies do que cada uma a déve fazer (segundo o ofício que lhe foi dádo): assi totalas linguágens tem dous reis, diferentes em género, e concórdes em ofício: a um chamam me e ao outro Vérbo (Barros 1540:1)
- (2) Ao primeiro viço chamamos barbarismo e ao segundo solecismo. Barbarismo é viço que se cométe na escritura de cada uma das pártes ou na pronunçaçám. E em nenhuma páрте da térra se cométe máis ésta figura da pronunçaçám que nestes reinos, por cáusa das muitas nações que trouxemos ao jugo de nósso serviço. Porque, bem como os Gregos e Roma [h]aviam por bárbaras totalas outras nações estranhas a eles, por nam poderem formár sua linguágem, assi nós podemos dizer que as nações de África, Guiné, Ásia, Brasil barbarizam quando quérem imitár a nósso. (Barros 1540)
- (3) Solecismo é o segundo género dos vícios que podemos cometer. Este se cométe na construiçám e órdem das pártes, quando délas usamos per algum módo apartádo do comum uso de falár. Vem este vocábulo solecismo da uma çidade de Çelícia que se chamáva Sólos, a qual dizem que povoou Sólón. E, porque a ésta povoaçám concorreram póvos de divérsas nações que corromperam a verdadeira e pura língua dos gregos, chamáram eles a ésta corruçám solecismo, donde os Romanos tomáram este vocábulo que nós óra usamos. (Barros 1540)
- (4) Qual será aquele povo tão perdido qu’asi não seja mais afeiçoado qu’a outro estranho, e pouco conhecido [...] Floreça, fale, cante, ouça-se, e viva a portuguesa língua, e já, onde for senhora vá se si soberba, e altiva (Antonio de Ferreira, *Carta a Pero Andrade de Caminha*, in: *Poemas Lusitanos*, 1598/2000, 259-263)
- (5) “Falar vulgarmente (respondeu Leonardo) é qual os melhores falem e todos entendam: sem vocábulos estrangeiros, nem esquisitos, nem inovados, nem antigos e desusados, senão comuns e correntes, sem respeitar origens, derivações, nem etimologias; que a linguagem mais pende do uso que da razão e por isso se chama língua materna, porque nas mulheres, que menos saiem da pátria, se corrompe menos o uso do falar comum, pôsto que elas saibam pouco da razão de seus princípios” (Lobo 1619 [1907]:175).

- (6) “E mostrando nós que a Portugueza participa mais da Latina, & que na copia, pronunciação, brevidade, Ortografia, aptidão para todos os estilos, não e inferior a nenhuma das modernas antes igual a algumas das antigas, com razão lhe poderemos dar o louvor de lingua perfeita, & de ser huma das melhores do mundo” (Manoel Severim da Faria 1624/1805, 133)
- (7) Nos verbos he cousa notoria, que todas as lingoas vulgares ficão inferiores á Latina, porque as mais dellas não tem voz passiva, nem participios do futuro (...). Isto he geral nas tres lingoas vulgares, Italiana, Franceza, & Hespanhola. Porém a nossa participa menos deste defeito, porque a voz passiva suppre bastantissimamente com estes pronomes, *Me, te, se.*; *Nos, vos, se.* & por *Appelor, Appellaris* dizemos chamo-me, chamas-te, &c. & por *Moveor*, Movo-me [...]. (Manoel Severim da Faria 1624/1805, 136).
- (8) A opulencia de hum Reyno não só consiste na abundancia das riquezas, senão tambem na affluencia das palavras; & assi pelo contrario; todo o Reyno, falto de palavras, he pobre. Já o disse Quintiliano em Roma, no tempo, que da Grecia mendigava o Lacio as dicções, que lhe faltavaõ. Sem abundancia de voz para todas as materias do discurso, emmudecem as artes, & as sciencias, & fica ociosa a capacidade dos que nos Pulpitos, Academias, & congressos dos sabios, querem expor os cabedaes do seu engenho. (Bluteau, aus der Widmung seines *Vocabulario*)

Primärtexte

- Barros, João de (1540), *Grammatica da lingua portugueza*, Lisboa (Buescu, Maria Leonora. Carvalhão (ed. 1971). *Gramática da língua portuguesa*. Cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viviosa vergonha. Lisboa).
- Bluteau, P. Raphael (1712/1721), *Vocabulario Portuguez e Latino*, 8 vol, Lisboa.
- Faria, Manoel Severim de (1624 [ND 1805]), *Das partes que ha-de haver na lingoagem para ser perfeita & como a Portugueza as tem todas & algumas com eminencia de outras lingoas*, in: *Discursos varios políticos*, Evora [ND Lisboa].
- Lião, Duarte Nunes de (1575), *Orthographia da lingua portuguesa : obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingua Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas*, Lisboa.
- Lião, Duarte Nunes de (1606), *Origem da lingua portuguesa*, Lisboa.
- Lobo, Francisco Rodrigues (1619 [1907]), *Corte na Aldeia ou Noites de Inverno*, Lisboa.

Sekundärliteratur

- Glaser, Edward (1961), „On Portuguese *Sprachbetrachtung* of the Seventeenth Century“, in: *Studia Philologica - Homenaje ofrecido a Dámaso Alonso por sus amigos y discipulos con ocasión de su 60.º aniversario*, Madrid, 115-126.
- Gil, Alberto (1999), „Sprachbewußtsein und Nationalbewußtsein im portugiesischen Humanismus“, in: Endruschat, Annette/Schönberger, Axel (edd.), *Neue Beiträge zur portugiesischen Sprachwissenschaft*, Frankfurt am Main, 49-70.
- Schäfer-Prieß, Barbara (2000), *Die Portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822 - Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1988), *A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes*, Mem Martins [orig. 1986, *La lengua y la cultura portuguesas en el siglo del Quijote*, Madrid].